



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

APANHADO TAQUIGRÁFICO DA 4ª SESSÃO LEGISLATIVA, DA
18ª LEGISLATURA, DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE,
REALIZADA EM 01 DE ABRIL DE 2024.

ATA DA 02ª SESSÃO ESPECIAL

Assunto: Alusiva aos 60 anos do Golpe Militar de 1964

REVISORA



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

EQUIPE TAQUIGRÁFICA:

Allyson Soares – Matrícula nº 2583

Amanda Mamede – Matrícula nº 152126

Gabriela Paes – Matrícula nº 152325

Renally Martins – Matrícula nº 152117

Tiago Ferreira – Matrícula nº 152322



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Declaro aberta a 2ª Sessão Especial da 4ª Sessão Legislativa da 18ª Legislatura da Câmara Municipal de Campina Grande “Casa de Félix Araújo”, realizada em 1º de abril de 2024, alusiva aos 60 anos do Golpe Militar... Golpe Militar de 64. Gostaria de convidar as pessoas que viessem aqui, ocupasse o Plenário, porque de Vereadores hoje parece que só vai ter eu e a companheira Jô. Então, por favor, Emanuel, organiza o pessoal pra ocupar essas cadeiras aqui. Convidar também já pra Mesa, os palestrantes: Professor Luciano Mendonça do Departamento da Universidade... Federal da Paraíba, Departamento de História Universidade Federal da Paraíba; A Professora... A Professora Anita Leocárdia da UFPB, Doutora em Educação. Também convidar pra Mesa o Professor Luciano Queiroz. Oi... Professor, cê é professor... Luciano Queiroz é professor de História da UFCG, também da ADUFCG. Passo pra Secretária pra Registro de Ausência e de Presença.

A SRA SECRETÁRIA JÔ OLIVEIRA: Boa... Boa noite a todas as pessoas. Queria fazer aqui primeiro o Registro de Justificativa, é... De ausência, é... “Senhor Marinaldo Cardoso, Presidente da Câmara, venho através deste, informar a impossibilidade de comparecimento da Vereadora Doutora Carla Cislayne à Sessão que ocorrerá no dia de hoje, 1º de abril às 19 horas, em razão de compromisso previamente agendado. Aproveito a oportunidade para agradecer o convite. Respeitosamente, Assessoria Parlamentar.” Então, lida essa Justificativa de Ausência, Senhor Presidente. E aproveitar aqui pra fazer o registro das pessoas que acompanham a Sessão e, quem a gente for listando e que estiver aí na Galeria, por ventura, pode ocupar aqui o espaço do Plenário. A Sra. Marry Rodrigues, Presidente da Unidade Popular Campina Grande; a Sra. Gabriela Fernandes, membra da Coordenação do Movimento Olga Benário; a Sra. Nayara Cordeiro, membro da Organização Estadual Movimento Correnteza; a Sra. Vanessa Belmiro, é... Membro da Frente de Mulheres de Campina Grande; a Sra. Alexsandra Andrade, membro da Frente de Mulheres de Campina Grande; o Sr. Franklin Iakz... Iakz... Uma hora eu acerto, Presidente do Sintab; a Sra. Glaucineth Lima, Diretora do Sintab; o Sr. Messias Santana, Diretor do Sintab de Queimadas; a Sra. Josefa Lucia Alves Marinho, Diretora do Sintab de Queimadas; a Sra. Sonale Gonçalves, Diretora do Sintab de Montadas; a Sra. Maria Janete, Diretora Geral do Sintab de Riachão do Bacamarte; o Sr. Iran Adalto Pessoa Carvalho, Diretor do SINTEP; a Sra. Raimunda Gonzaga Ferreira, Vice-Diretora do SINTEP - Paraíba; o Sr. Pedro Luís Freire Andrade, Secretário-Geral do Partido dos Trabalhadores de Campina Grande; o Sr. Gustavo ATS, Fórum dos Servidores do Estado da Paraíba e Diretora Sindical do Psol; a, o Sr. Sandro Marcelino Patrício, filiado do PT; o Sr. Lenon Andrade, Pastor da Comunidade Batista do Caminho; o Sr. Josenildo Sousa Filho, poeta; o Sr. Robson Magno Pereira Paiva, técnico de informática; a jovem Anita Vitória Pereira do Santos Timóteo, convidada; a Sra. Jordânia do Santos Barros, aluna do curso de História UFCG; a Sra. Vitória Carolina, também do curso da UFCG; a Sra. Maria Larissa de Brito, também aluna de História da UFCG; a Sra. Clara Pa... Clara Palácio Rodrigues, também é aluna de História da UFCG; a Sra. Ana Luísa, também aluna do curso de História da UFCG; o Sr. David Filipe, também do curso de História da UFCG; o Sr. Pedro Baixo... Bastos, aluno do curso



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

de História da UFCG; a Sra. Érica Melo, Presidente... Aluna do curso de História da UFCG; o Sr. João Pedro Henrique, também de História da UFCG; o Sr. Renato Moura Ferreira, membro do Coletivo As Yaras; a Sra. Yara Pereira, representando As Yaras - Coletivo de Mulheres Trans e Travestis de Campina Grande; o Sr. Luciano Mendonça, Professor da UFCG; o Sr. Luciano Queiroz, é... Professor de História da UFCG; Anita Leocadia e Wladimir Lima Timoteo que estão aqui também na condição de integrantes e palestrantes da nossa atividade. Feito os registros de presença, Senhor Presidente.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Essa Sessão, é... Foi aprovada por todos os Vereadores, foi um Requerimento de nossa autoria. E eu não queria me alongar muito na justificativa, mas dizer algumas, as sucintas palavras. Ainda é assustador o número de pessoas, ou que não compreenderam, ou que querem distorcer as implicações e as consequências do Golpe Militar de 64. Ainda assusta. Assusta e hoje, de ontem pra cá, olhando a movimentação das redes sociais, como é grande, como é assustador o número de pessoas que respaldam tudo que aconteceu durante os 20 anos de ditadura no Brasil. Naturalmente que o nosso mandato, mandato popular, mandato comprometido com a democracia, com as lutas sociais, não poderia deixar de fazer essa reflexão e que pese a diversidade do calendário, estamos, é... Fomos antecidos por um feriado prolongado, né? Com as fortes chuvas que caíram, mas a gente não podia deixar de registrar, de debater este, este fato, talvez o mais violentado atentado do Estado brasileiro cometido contra o povo brasileiro, né? O Brasil é filho da, da, filho... É... Da violência, né? Mas, o Golpe de 64, os 21 anos de chumbo, sem dúvida nenhuma foi o pior atentado do Estado brasileiro contra o seu povo e aquele que mais deixou sequelas e, o que é pior, respaldado ainda por uma parcela assustadora da população. Uma parte que não compreende, a outra parte que respalda, porque foi justamente o Golpe Militar que possibilitou o assalto ao povo brasileiro, maior achatamento salarial, o maior enriquecimento ilícito de grandes grupos econômicos do Brasil, que foi justamente às custas da violência, do sangue e do silêncio do povo brasileiro que muitos se enriqueceram. Assaltaram o povo, povo brasileiro. A gente compreende porque, a gente compreende algumas defesas das pessoas que ainda fazem dessa... desse triste período da história brasileira. Nós estamos felizes por poder estar aqui falando sobre isso. Outrora isso seria impraticável, impensável. Eu gostaria, sem mais delongas, é... Anita, Luciano, Luciano Queiroz e Luciano Mendonça, né? Quem dos três pode começar? Luciano Mendonça, Anita e Luciano. Seria essa ordem? Quantos minutos, Luciano? 15 minutos pra cada? 20, 15, são suficientes? Pra gente, inclusive, oportunizar o debate. Eu quero avisar que está sendo transmitido pela rede mundial de computadores no *site* da Câmara, quem quiser compartilhar em algum grupo é só pegar o *site* da Câmara que tá transmitindo pra que a gente possa transformar isso aqui num alto falante, né? Que possa ecoar para o mundo todo a nossa voz aqui contra a Ditadura, contra aqueles que, inclusive, não foram presos ainda, alguns já morreram, estão queimando no fogo do inferno, mas os outros ainda nós não punimos os assassinos do povo brasileiro. Então, essa Sessão tá sendo



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

transmitida pela Rede Mundial de Computadores. Quem quiser dar amplitude a isso, copia o *link* da Câmara e bota nos grupos aí pra que a gente transforme daqui da Serra da Borborema um grito de resistência, de combate e de indignação a tudo isso. Professor Luciano Mendonça, quantos minutos, Luciano? Nós... Que que você sugere aqui para os palestrantes?

O SR CONVIDADO LUCIANO MENDONÇA (PROFESSOR DA UFCG): Bom, até a madrugada de terça-feira. É possível?

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: 15... 15 minutos pra começar com a tolerância de mais 5. Tá bom, Professor? Professor, muito obrigado. Obrigado, Anita, obrigado, Luciano, Luciano Queiroz e obrigado a todos vocês que aqui estão e que pesem todas as adversidades.

O SR CONVIDADO LUCIANO MENDONÇA (PROFESSOR DA UFCG): *Ok.* Brincadeira à parte, boa noite, né? A gente acabou de, de sair, né? De um belo ato político e cultural que nós fizemos agora pouco na, no Calçadão da Cardoso Viera, é... Pra lembrar essa data, para nunca esquecer-la, né? Os 60 anos do Golpe Militar de 1964 que ocorria a, a, a exatamente 60 anos atrás, né? Eu queria, em primeiro lugar, agradecer, né? A iniciativa de Napoleão. É... Queria também cumprimentar e mandar aqui o meu, deixar o meu abraço pra a Vereadora Jô. É... Também deixar o meu abraço pra minha, pra minha colega, né? É... Professora Anita. É, também ao meu, ao meu camarada de lutas, né? Lá da UFCG, Professor Luciano Queiroz, meu xará, e que tem estado nessa luta. E queria cumprimentar cada um de vocês em especial. É... Eu vou tentar ser, ser breve, né? Já que minha proposta original foi flagorosamente derrotada, né? Porque, enfim, falar sobre o Golpe, a Ditadura, em 15 minutos, especialmente pra um militante de esquerda e um historiador marxista como eu em 15 minutos é uma autoflagelação. Mas, vamos lá. Tudo em nome da causa, né? E também da paciência de vocês, né? Que morreriam de tédio, é... Me escutando, é... Até a madrugada dessa terça-feira. Jamais. Pois bem. Eu queria dizer só algumas coisas rapidamente, quando tiver faltando 5 minutos eu peço que vocês me avisem. É... Eu acho que três ou quatro coisas pra gente depois, é... Conversar. O que foi que aconteceu há 60 anos atrás? Foi uma Ditadura, como vocês sabem, né? Mas foi uma ditadura de classe. Por que que eu tô dizendo isso, gente? Porque, é... Muitos esqueceram, né? Inclusive os histo... Muitos historiadores, não é? Esqueceram que, é... 64 foi uma ditadura de classe. Alguém, é... Estava por traz daquele conjunto de eventos que levaram a derrubada do pro... Do então Presidente João Goulart. Não aconteceu por um acaso, foram forças muito poderosas, que hoje alguns bons livros de história, que, que... É... Mantêm, essa crítica, essa visão crítica, é... Se articularam. Por isso que eu digo que foi uma ditadura das armas e do dinheiro. Sem o dinheiro dos IPES e IBAD, sem o dinheiro da grande Imprensa, sem o dinheiro dos empresários, os latifundiários, é... Dos grandes bancos, do apoio dos Estados Unidos, é... Nós não teríamos, é... É... A possibilidade, é... daquelas pessoas, grupos e organizações, é... Se articularem pra, primeiro, desestabilizar um Presidente que tinha muita popularidade. Hoje a gente sabe, que



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

foi feito uma pesquisa às vésperas de 1º de abril, João Goulart tinha pelo menos 70% de aprovação popular. As reformas de base que ele encampou no final, na reta final do governo dele, como a agrária, a mais explosiva de todas, tinha o apoio de quase 60% do povo brasileiro, não é? Se João Goulart pudesse ser Presidente da República novamente, através de um processo de reeleição, o que não era permitido pela Constituição, mas que podia ser alterada porque uma das reformas de base era a reforma da Constituição, ele teria, segundo essa enquete, pelo menos 50% dos votos. Deixava pra trás JK e outros candidatos, candidatíssimos, como o campeão, né? De conspiração, o Carlos Lacerda, que era o principal representante da direita da época, né? E que Bolsonaro, é... O tem como referência. Era o campeão da tentativa de derrubar o Presidente, o Carlos Lacerda, o coveiro, que então era Governador, é... Da Guanabara, e aqui, naquela época tínhamos a Guanabara, que era o Distrito Federal e o Rio de Janeiro que depois fundido já na Ditadura. Então, essa gente se articulou com muito dinheiro, com muita propaganda, pra desestabilizar Jango. Segundo, pra se armar ideologicamente e com armas. Existiam latifundiários no interior aqui de Pernambuco, mas também aqui na Paraíba, que tinham armas exclusivas de usos das Forças Armadas. Enquanto os camponeses a arma era a foice e o machado, embora Miguel Arraes... É... É... Gregório Bezerra, talvez o mais generoso comunista que esse país produziu, que o maior de todos eles foi esse que eu tô aqui com a, é... Com muito orgulho com a camisa no corpo, o Carlos Marighella. O Gregório Bezerra, ele apelou a Arraes pra que os camponeses fossem armados, pra que pudessem resistir ao Golpe de 64, que diga-se de passagem, poderia ter sido evitado. Por isso que a gente não deve conceber a História como algo inexorável. 64 era possível de ser derrotado! A queda de Dilma era possível de não ter existido! A prisão de Lula era possível não ter existido! Os infames acontecimentos do dia 8 de janeiro de 2023 poderiam ter sido evitados se não fossem, muitas vezes, as nossas contradições e o nosso medo de enfrentar o inimigo como tem que ser levantado. Então, uma das lições de 64 é de que a História não está definida a priori, por mais que as correlações de forças possa ser mais ou menos favoráveis a uma das partes. Então, eu queria dizer que o Golpe de 64 foi um golpe de classe. Foi a burguesia, foram os grandes latifundiários, foram os banqueiros junto com o apoio dos Estados Unidos, aliado com a classe média reacionária, em grande medida de direita, que fizeram as marchas, é... Foi, o Golpe teve essa base. Contra o trabalhismo, o populismo de Jango, que tava longe de ser um comunista, que tava longe de ser um homem de esquerda. Era um latifundiário com, só que com sensibilidade às demandas populares. Não é? E tava disposto a fazer as reformas de base e, acima de tudo, tinha um movimento popular, é... Que talvez não estivesse preparado pra uma revolução, mas vinha um aprendizado. E que metia medo na classe dominante, que se armou até o pescoço e que colocou toda a Imprensa pra evitar esse processo. Então, foi um golpe de classe. E quando 64 ocorreu, todos os cargos estratégicos foram ocupados por essa gente. Por que que Mourão, esse falastrão que começou, é... O movimento lá em Minas, foi escanteado? Não é? Porque ele não era nada na estrutura de poder dos golpistas. Um homem forte nas Forças Armadas era Castelo Branco, porque Castelo Branco tinha vínculos orgânicos e profundos com os Estados



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

Unidos, ele se viu, né? O Brasil na época e ele era um homem talhado. Hoje se sabe que, que, Castelo Branco, que infelizmente Jango cometeu o erro de nomeá-lo, é... É... Pra um cargo estratégico às vésperas do golpe, como infelizmente o Allende, que esse sim era um socialista, ao contrário de Jango que era um estatista burguês com alguma veleidade, alguma sensibilidade, é... Social. Com isso eu não tô tirando nenhum demérito de, de, Jango, que eu considero historicamente, é... Alguém que tá acima, inclusive, daquele que foi o maior, um dos maiores líderes operários da história do Brasil, mas que se curvou a ordem do Capital. Então, as medidas que Lula fez, né? No 1º e no 2º, e agora no 3º governo, não chega à sombra do que, é... As reformas de base, caso elas tivessem sido aprovadas. O Brasil seria um outro país, mesmo que ainda no horizonte do capitalismo. E, e... Então, esses cargos todos foram, foram ocupados estrategicamente, né? Por Castelo, que foi eleito no dia 9 Presidente indiretamente pelo Congresso, e um conjunto de Ministérios que foram escolhidos a dedo. O homem chefe da Economia brasileira quem foi? Roberto Campos, que é o atual avô do Presidente do Banco Central que tenta impedir até de Lula de produzir reformas mitigadoras, né? Do capital. E os outros Ministros que todos vinham de um mesmo grupo, de uma mesma classe social. Quem foi que sofreu o golpe? Teve... Quem foi... É... É... Cassado? Primeiro Jango, era o primeiro da lista. Depois, quem foi? Luís Carlos Prestes. É... Com todas as ambiguidades de Prestes, mas simbolizava, é... Aquilo que eles não queriam, o antitrabalhismo e o anticomunismo, e tudo que cheirasse a povo. Então, as cassações, é... As perdas de mandato e a política econômica, inicialmente liberal, depois nacional intervencionista. O fim, o fato que é ao fim ao cabo, de 64 a 85 a Ditadura tornou mais rico a burguesia e seus aliados e empobreceu cada vez mais o povo brasileiro. Pra isso, você precisava o quê? Desse modelo econômico concentrador, já que, é... A crise, é... Que antecedeu o 1º de abril não possibilitava resolver, e um aparelho de repressão. Por isso que a Ditadura montou um aparelho de repressão que se transformou em máquina de triturar gente pobre e trabalhadora, de esquerda, etc.. É... E aqui eu queria dizer... Então, por isso você tem essa dupla face, um projeto econômico, é... De acelerar o desenvolvimento capitalista, concentrando renda, daí a ideia do milagre, o bolo tem que crescer, mas não se divide com os trabalhadores. Os ricos se tornaram mais ricos e os pobres mais pobres. O Brasil contraiu a maior dívida externa do mundo, a inflação foi a patamares... A reforma agrária não foi feita, é... Etc. e tal. Tá certo? Uma outra coisa que eu queria dizer, é que, é... A Ditadura montou, talvez, a máquina repressora mais sofisticada, que não é novidade na história do Brasil que está assentado na escravidão. Um país que se ergue sobre a escravidão, ele é o zelo e o vezelo, segundo suas classes dominantes, pra criar mecanismos de repressão pra reprimir, matar, torturar e controlar gente pobre trabalhadora. Foi assim com os escravizados e depois tem sido assim com a classe trabalhadora e o povo pobre. Então, a Ditadura criou uma, uma, um sistema repressor que ia do General Ditador de plantão ao Guarda noturno da esquina, né? Quem morou em Campina Grande aqui lembra da época do rapa, que era um terror na feira. Um simples, é... Funcionário da Prefeitura que fazia as vezes de policial e que implantava o terror pra aquelas pessoas que precisavam sobreviver vendendo verdura, fruta, e não tinha



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

como pagar o, um box. Então, eu queria também dizer o seguinte, a Ditadura ela foi nacional, mas ela foi local também. Isso é uma coisa que a gente não pode esquecer. É... Campi... A Paraíba sofreu tanto de um lado, como se beneficiou de outro. O... a Paraíba, o principal fração da... do nossa classe dominante eram os latifundiários, né? Que impediram a reforma agrária, que mataram, tinham matado João Pedro Teixeira, depois mataram Margarida, e mataram muitos camponeses, alguns até hoje estão desaparecidos. Perseguiram militantes, perseguiram estudantes, etc. E, eu gostaria de dizer o seguinte, é... A gente lembra sempre da Ditadura dos nossos mortos e desaparecidos, eu lembro deles sim, porque eles são, é... Meus herdeiros ideológicos e de luta, incluindo aqui Carlos Marighella, Gregório Bezerra e tantos outros. Os 434 mortos e desaparecidos! Mas é preciso que a gente diga o seguinte, né? A Ditadura foi muito mais, o horror foi muito maior do que esse. Porque eu costumo dizer, se a Ditadura tivesse matado Frei Tito, outro grande herói do povo brasileiro, um cristão, né? É... Que, contrariando a própria ética moral do cristianismo, se suicidou, porque não aguentava o fantasma de Fleury, o seu torturador. Se suicidou lá na França. Se a Ditadura tivesse feito só isso ela deveria ter sentado no banco dos réus, tá sentado nos bancos dos réus até hoje e os seus herdeiros. Mas ela foi mais do que isso. Ela matou, ela torturou, ela fez desaparecer 434 presos, mortos e desaparecidos. Mas ela matou mais de 2000 camponeses, cuja a articulação pra denunciar o horror era muito mais difícil. Ela matou mais de 10 mil povos indígenas vítimas da transamazônicas, etc. É... Ela matou o nosso povo pobre, preto e trabalhador, é, Vereadora Jô, de onde você veio e de onde muito de nós viemos. Foram quase 130 mil mortos pela violência do Estado, incluindo o Esquadrão da Morte que era parte dessa máquina de reprimir e matar gente. Porque quem acha que o *modus operandi* que mandou matar Carlos Marighella, né? Era diferente do *modus operandi* que mandou matar Nego Sete, que foi uma vítima do Esquadrão da Morte de Fleury, que matou Nego Sete em 68 e encurralou Marighella em 69. E eu queria, só pra concluir, e terminar declamando um poema, é... Essa própria Casa aqui, ela foi cúmplice dos crimes e dos horrores da Ditadura. Ela nunca foi uma Casa do Povo, ela foi a casa daquele povo ali ó, que eram filhos de antigos senhores de engenho, senhores de escravos de Campina Grande e depois dos coronéis de Campina Grande e da classe dominante hoje, né? É... É... Ainda mais insana com o bolsonarismo. Quem é que frequenta essa Casa aqui? Nos dias normais, né? A exceção de vocês que estão aqui, e não é por acaso que nenhum tá aqui nessa Sessão. E eu sabia. Eu sabia que quando chegasse aqui, eu ia encontrar Napoleão, o proponente da, da Sessão, e a companheira Jô e talvez mais um, pelo menos. Porque essa gente tá aqui pra operar no passado os interesses da classe dominante e no presente os seus herdeiros neo-bolsonaristas. Então, essa Casa foi cúmplice. Todo ano... Pra caminhar pra terminar, me desculpe. É... No dia 31 de março vinha pra cá sabe quem? O Major Câmara e o Sargento Marinho que foram, né? Era o cão em forma de gente, eram os Comandantes do, eram os dois homens fortes do, do, do... É... 5º Batalhão de Infantaria, é... Militar, é... De Campina Grande do Exército que hoje é o 31º. Pra onde foi levada gente, daqui de Campina Grande, que foi torturada e que foi humilhada. Essa Casa todo ano recebia essa gente em 31 de



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

março. Essa Casa deu um título a um comerciante que cedeu uma propriedade dele... dele, chamada "Granja do Terror", por onde passaram, é... Muitos militantes de Campina Grande, ficava no Bairro dos Cuités, o Manoel Ferreira de Araújo, que era dono de uma loja de armas e munições. Esse senhor, em 1975, ele foi agraciado com o Título de Cidadão Campinense dado por essa Casa. Que deveria ser cassado. É uma sugestão que eu deixo aqui pra Jô e pra o Maracajá. Eu tenho toda essa documentação aqui nos arquivos da Câmara, que tá sendo destruído, né? Outra iniciativa pra ser preservar, inclusive, essa contra memória da Casa. Eu queria só, então... Hoje eu vi uma reportagem interessante da Maura, que foi muito interessante. E ela tem toda minha solidariedade, a Maura... Pires, dona do antiga, da antiga Pequeno Príncipe, professora da Universidade, que foi presa em Biuna, que foi sequestrada em 74 na frente de sua escola e passou pela Granja do Terror. E, Maura tem toda minha solidariedade, mas eu queria, é... É... Terminar dizendo o seguinte, como eu disse, o horror da Ditadura foi muito maior. E eu... eu gostaria que a gente tivesse lembrando também além de Maura, de um sujeito chamado Paulo Roberto Galdino do Nascimento, que era conhecido vulgarmente como "Beto Fuscão". Pra quem não sabe, Beto Fuscão foi um jovem de 19 anos, é... Que foi assassinado pelo Mão Branca. Era um homem pobre, jovem, trabalhador e que fazia parte da classe trabalhadora. Porque a Ditadura ela ceifou a vida da vanguarda, mas também dos setores mais precarizados da nossa classe. Então, o Beto Fuscão, foi vítima da limpeza social e eu gostaria que a gente tivesse lembrando do nome dele. De Maura, mas também do nome dele. Eu gostaria que a gente rompesse um dia com essa memória seletiva, porque a Ditadura sabia o que tava fazendo. Ela... ela... ela matava a vanguarda, mas também matava os setores mais fragilizados. E as vítimas dos esquadrões da morte, da violência do Estado, muitas vezes anônimas, merecem ser lembrados tanto quanto os 424 mortos e desaparecidos, porque todos foram vítimas da Ditadura e merecem ser lembrados. E, portanto, merecem, ter o direito à verdade, memória, justiça e reparação. Eu queria terminar, pra valer, com um poema chamado "Sempre". Esse poema é eu vou declamá-lo e dizer a autoria. Com isso, eu termino fazendo uma singela homenagem a todas as vítimas da Ditadura Militar do passado e do seu legado de hoje que continua operando: "Sempre. Ainda que por mil anos, os passos cortem este lugar, não apagarão o sangue dos que aqui caíram, e não extinguirá aquela hora em que caístes, ainda que milhares de vozes, de vozes, cruzem esse silêncio. A chuva afogará as pedras dessa, desta praça, mas não apagará vossos nomes em chama. Mil noites virão com suas asas escuras sem destruir o dia que esperam esses mortos. O dia que esperamos ao largo desse mundo, tantos homens. O dia final do sofrimento, um dia de justiça conquistado pela luta, e vós, irmãos caídos em silêncio, estarei conosco neste vasto dia da luta final, este dia imenso." Pablo Neruda, poeta, diplomata e comunista chileno que foi uma das primeiras vítimas da Ditadura Militar, hoje se sabem, é... Envenenado por veneno feito aqui no Brasil pelo Instituto Butantã e que ceifou a vida de muitos militantes, ditaduras do Cone Sul, é... Latino, é, América Latina afora. Porque o Brasil foi a primeira de uma série de ditaduras do Cone Sul. Ok? Então,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

viva Pablo Neruda e glória a todas lutas inglórias que através da nossa história não esquecemos jamais! (Música)

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Parabéns. Parabéns, Professor Luciano. Lúcida fala e reflexão. Quero... gostaria de convidar o Presidente do Partido dos Trabalhadores, Hermano, aqui pra Mesa. Gostaria de convidar também o Lenon aqui pra... pra Mesa, que ele também vai usar da fala. Agradecer às diretoras do Sintab, que, apesar do dia de trabalho, inclusive, participaram do movimento da tarde, estão aqui. Lucinha, Messias de Queimadas, Janete de Riachão do Bacamarte, da Paz aqui de Campina Grande, Glaucinete de Campina Grande, Sonale de Montadas. Muito obrigado aí pela presença. E ao Presidente Franklin, Presidente do Sintab. Franklin, também pela presença. Agradecer à Vereadora Jô, né? Infelizmente, é a única que veio prestigiar aqui esse momento, e a nossa gratidão. Aliás, Jô, sempre presente, né? É preciso fazer esse reconhecimento. Eu vou passar pra ela pra que ela faça mais um registro ou mais alguns registros.

A SRA SECRETÁRIA JÔ OLIVEIRA: Obrigada. Registrar também aqui a presença de Gilmar Felipe Vicente, que é um Dirigente Estadual do MST, que acompanha aqui conosco também a essa sessão, convidar pra vir aqui pra o espaço também de Plenário. É sempre importante ter os lutadores e lutadoras do povo também com a gente aqui, fazendo um debate que é tão importante. Até porque, Luciano, além de sua fala, né? Muito necessária do que a gente precisa ter de registro aqui nessa Casa, fez uma referência à Maura Pires, e é fundamental, inclusive, queria compartilhar aqui com cada um em cada uma. O Felipe Caldas, que é um jornalista do G1 Paraíba, fez uma matéria excelente com Maura agora, nesse último domingo; quem não leu ainda, recomendo que leiam. É um apanhado histórico, mas principalmente marca também aí o lugar de Campina Grande, nesse horror que foi, né? Para os nossos e para as nossas, e que a gente não pode permitir que essa história não seja contada. Lembrando, inclusive, que Maura, a gente teve a possibilidade, Napoleão, de trazê-la pra uma sessão aqui. Eu ainda estava à assessora da então Deputada Estela Bezerra, e ela disse, Luciano, que não se sentia à vontade nesse espaço, porque também tinha muito desse lugar da ditadura, dessa impressão, dessa coisa impregnada que essa Casa também representava. Então, foi importante ter essa fala de Maura naquele período e também trazê-la, né? Nesse momento em que a gente precisa realmente recontar a nossa história pra que a gente não incorra no mesmo erro. E precisa a gente lembrar que foi por pouco; foi por pouco agora no dia 08, então nós precisamos já estar vigilantes. Muito obrigada.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Jô. Passamos a palavra agora pra Professora Anita e em seguida, pra o Professor Luciano Queiroz. (Música).



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA CONVIDADA ANITA LEOCADIA PEREIRA DOS SANTOS (PALESTRANTE): Boa noite a todas, boa noite a todos, boa noite a todes. Quero saudar a Mesa, na pessoa do nosso Vereador Napoleão e da nossa Vereadora Jô Oliveira. E quero agradecer a presença de todas, de todos. Quero agradecer ao Vereador Napoleão pela propositura, como também quero agradecer ao Professor Luciano pela sua fala. Estou aqui não na condição de uma estudiosa da ditadura, mas estou aqui na condição de vítima da ditadura. O meu pai, José Peba Pereira dos Santos, que foi vereador nesta Casa, foi preso, torturado, perseguido, teve toda a sua vida destruída, adquiriu várias doenças em função das torturas. Isso tudo aconteceu aqui em Campina Grande. Então, é muito importante quando Luciano diz, né? “A ditadura, ela não estava longe daqui”. Ela estava aqui, acontecendo entre nós. A ditadura aconteceu em todos os lugares. Agora, difícil era percebê-la, porque ela era silenciosa, ardilosa e ainda mandava todo mundo calar. Então, as pessoas eram silenciadas, e assim não se passava a mensagem real do que estava acontecendo. Uma coisa muito... muito ruim também que acontecia era o preconceito. Então, quem era da família de um preso político era tratado como se fosse um bandido, como se fosse filho de bandido, como se fosse alguém nocivo à sociedade. Então, nós sofremos muito preconceito. Muito. Minha irmã mais velha... Desculpa! (Aplausos) (Emoção) (...) ela foi chamada na escola onde estudava, a freira, que era diretora, tirou ela da fila, colocou ela lá na frente e disse: “essa aqui é um herege, é uma filha de comunista”. Esse é um dos fatos que passaram-se conosco e não foram poucos, não foram poucos. A ditadura, ela calava as pessoas pelo medo, pelo preconceito e pela convivência. Porque a convivência foi o que facilitou tanto tempo de ditadura. É aquela história, “não é comigo”. Se não é comigo, eu vou deixando acontecer. E assim muitas pessoas foram mortas, foram assassinadas, foram brutalmente torturadas. E esse país é um país que até hoje não cumpriu o seu dever de punir os algozes. É um país que até hoje premia, privilegia e até congratula os torturadores, os generais que deram as ordens para assassinar pessoas que eram pessoas de bem. Não eram pessoas que cometiam delitos de roubos, de mortes, nada disso, eram apenas pessoas que ideologicamente não concordavam com os ditames da ditadura militar. E essas pessoas eram tratadas como criminosas. E a gente sabe que muitas pessoas morreram e sequer foram citadas nos relatórios da Comissão da Verdade. Porque não havia muitas vezes como encontrá-las. Por que não havia como encontrá-las? Como assim? Porque não havia registros, minha gente. Porque as pessoas eram presas de forma ilegal, não tinha uma ficha do presidiário. A pessoa era sequestrada, ela era levada. De preferência, no silêncio, que não tivesse testemunha. Porque aí, se ela não voltasse, não teria problema também. Então, quando meu pai era vivo, eu visitei a casa de pessoas que tinham sumido, cujas famílias diziam que ainda esperavam uma notícia dos seus familiares; e nunca tiveram. Mas uma coisa também que me chamava muita atenção era o medo dessas pessoas. Quando a gente chegava pra visitar, elas fechavam a porta pra falar sobre o assunto, mesmo ainda num contexto que não era mais de ditadura militar. Mas o medo não passou. As pessoas falavam baixinho, querendo saber se tinha alguma notícia. Porque elas estavam, até aquele momento, aterrorizadas. O terror era muito grande, ninguém podia falar



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

sobre isso. E isso não mudou, não, viu? Eu digo que isso não mudou, porque hoje aqui, a gente poderia ter muito mais gente. Só que muita gente não quer se envolver. Como também hoje à tarde, quando nós estivemos no Calçadão, no Centro da cidade, para fazer o ato de repúdio ao golpe, nós tivemos que dar explicações aos policiais que chegaram. Porque o nosso querido Franklin teve toda a paciência do mundo pra mostrar todas as autorizações que estavam em dia. Inclusive, pegaram o nome completo dele, o CPF dele, para ele ser identificado como responsável pelo ato. E o que ele colocou foi que pela manhã teve um ato da saúde, só que ninguém denunciou. Quando foi à tarde, no mesmo local, quando se vai falar sobre ditadura militar, repudiar o golpe, sempre temos os conservadores, os autoritários de plantão pra fazerem as denúncias. E aí, gente, foi muito interessante. Cavalaria, força tática, moto, era polícia pra valer. Porque nós somos perigosos, nós somos pessoas perigosas; pessoas que falam contra a ditadura são pessoas perigosas, são pessoas que têm memória e memória é um perigo, gente. É por isso que estão querendo acabar com a nossa memória, estão querendo acabar com a memória daquelas pessoas que sofreram, que deram suas vidas em favor da democracia. Porque nenhum desses que sofreu foi premiado depois com nada. Ninguém teve premiação. Mas os torturadores foram premiados, todos eles foram premiados. Em 2015, nós tivemos aqui uma sessão no Ministério Público com o Sargento Marinho, que foi citado ainda há pouco pelo Professor Luciano e que foi citado pelo meu pai diversas vezes como sendo o chefe da tortura. Aqui em Campina Grande, o chefe da tortura era o Sargento Marinho. E o Sargento Marinho foi encontrado pela Comissão da Verdade e foi trazido a Campina Grande em 2015, porque todas as... as investigações mostravam que a atuação dele foi aqui. E lá, naquela audiência, havia muitas pessoas que tinham passado por ele. Maura, inclusive, não quis ir naquele dia, ela disse que não suportaria vê-lo; não suportaria vê-lo. Eu fui, minhas irmãs foram, meu pai já não estava mais aqui. Mas ele, o Sargento Marinho, de sargento virou promotor público (acredito que sim). Mas ele era um promotor público. Por aí a gente tira as premiações que foram dadas para os criminosos da ditadura militar. Ele era uma suprema autoridade. E a imagem dele não foi veiculada em nada. Tem um vídeo no *YouTube* em que eu enfrentei, encarei o Sargento Marinho. Vocês podem ver, tá lá colocado: "Anita Leocadia, no Ministério Público, Comissão da Verdade". E ele era um homem tranquilo, muito tranquilo, certo da impunidade. Ele não tinha nenhum problema de mentir ali, como ele mentiu, dizendo que não tinha nada a ver, que não conhecia ninguém, que nunca tinha visto ninguém. Mas eu me lembrei dele. Eu me lembrei dele, porque ele esteve na minha casa para levar o meu pai preso em 1974. Eu tinha seis anos. E eu me lembrei da imagem dele. E aquele dia foi um dia terrível. (Emoção). Eu falei isso lá na... na... no Ministério Público e eu quero falar de novo. Quando eles chegaram, né? Eles chegavam e cercavam a casa, eles não chegavam pela porta da frente. Eles cercavam todo o quarteirão e iam entrando por trás, escondido, pra levar o prisioneiro escondido, pra ninguém ver, não ter testemunha. E aí, quando eles foram chegando, eu escutei quando um disse para o outro assim: "silêncio, não faz barulho". E eles entraram e disse pra o meu pai: "olha, tu não faz barulho, viu? Tu não faz barulho. Sai calado, sem chamar atenção". Então, quando eu escutei isso. Aí eu



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

fui para a frente da casa e comecei a gritar; gritei, gritei pra chamar a atenção. Fiz exatamente o contrário. Porque eu sabia, eu já escutava, né? Muitas vezes, papai conversando e dizendo: “fulano tá desaparecido, cicrano tá desaparecido”. E eu tinha medo que isso acontecesse com meu pai também, que ele sumisse, que ele nunca mais voltasse. Então, eu fui pra a frente da casa (Emoção). E eu gritei muito, muito. Toda vez que eu falo isso, eu sinto aquela agonia, daquela hora, daquela desesperada, né? Uma criança desesperada, gritando, com medo que o pai fosse levado e nunca mais voltasse. Então, quando ele voltou, ele disse: “minha filha, você me salvou, porque o plano era que eu não voltasse mais”. E ele passou muitos dias desaparecido, porque os presos ficavam desaparecidos. Não é como agora, que a gente sabe que tá em tal lugar, que vai pra visitar, não existia isso. A minha mãe, coitada, ela saía procurando nos quartéis, perguntando por onde ele estava. E eles sempre diziam: “não temos informações, ninguém sabe”. Eles chegavam a dizer assim: “ele não... não tá preso conosco. Ele não tá preso”. E eles estavam, os presos, assim como meu pai, nas granjas do terror, não é? Vivendo torturas impensáveis. Coisas de tamanha crueldade, que a gente pode pensar que nem existe, que ninguém é capaz de fazer aquilo. Eu sempre fui uma criança muito... Acho que eu já nasci velha. Eu era uma criança muito atenta aos assuntos sérios. E eu me lembro que o papai disse assim, o que eu achei, eu sofri muito, porque ele sofreu todo tipo de tortura. Isso tá relatado no livro, no livro que conta a história dele, eu esqueci de trazer o livro. Porque falar sobre isso é muito difícil pra mim. Então, eu fico sempre muito tensa. Eu queria ter trazido o livro dele pra apresentar aqui, é o Sapateiro Militante, foi editado pela editora da UEPB, e também eu queria ter trazido o relatório da Comissão da Verdade, onde consta os dados do meu pai, pra... pra apresentar. Então, eu não sei mais nem o que era que eu ia dizer, esqueci. Mas, é... é importante demais lembrar. Por respeito. Por respeito às vítimas, por respeito a nós, familiares das vítimas, por respeito aos nossos direitos. Porque todos os direitos que nós temos nesse país, que nasceu e que cresceu com base no escravismo, na tortura, foram a base de muita luta conquistados; todos os direitos. As pequenas coisas que nós usufruímos, pequenas, elas precisaram de ter muita luta. Então, hoje a gente tem o direito de estar ocupando essa Casa pra falar sobre esse crime cometido pelo Estado brasileiro, que infelizmente o Presidente que nós elegemos para se contrapor ao fascismo, se negou a tratar do tema. Agora, eu queria saber como é que o Presidente Lula quer ter moral para punir a tentativa de golpe do 08 de janeiro sem respeitar as vítimas de um golpe que durou 21 anos? Eu quero saber qual é a moral que ele tem? (Aplausos). Não é possível, não é possível ele dizer que não quer remoeir o passado. Nós já sabemos que temos os inimigos que estão no poder, porque, como Luciano falou, eles se organizaram muito bem, eles ocuparam postos estratégicos. A política, a política é comandada pelos algozes, essa é uma verdade. Eu não vou citar nomes aqui da Paraíba, mas eu sei, e vocês também sabem, aqueles que até hoje se mantêm como parlamentares e que são herdeiros da ditadura, que são herdeiros dos crimes contra as ligas camponesas e que até hoje usufruem do poder, e que até hoje são aclamados, são aplaudidos, são tratados como pessoas de muito bem. Nosso país é um país colonizado. Nosso povo, majoritariamente, ainda tem



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

mentes colonizadas; isso é péssimo. É uma vergonha! A gente precisa levar todas essas histórias para os nossos jovens, para as nossas crianças. Porque, se a gente não levar, essas crianças e esses jovens vão ser novamente contaminados por essas pessoas que admiram o autoritarismo, por essas pessoas que comungam com o crime. E a gente nunca vai sair desse lugar, de uma Colônia. Nós somos um país colonizado, infelizmente. Nós precisamos conquistar nossa liberdade, nossa liberdade de expressão, de pensamento. Nossa liberdade de criação. Nosso país ainda não tem isso. Então, eu quero agradecer muito ao camarada Franklin, quando ele hoje disse lá no nosso ato, nós nunca vamos esquecer. Realmente, não é para ser esquecido. E obrigada, Franklin, porque você falou por mim. Você nos representou, a todos nós. (Aplausos). Obrigada. (Música).

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Professora Anita, minha professora. E agora nós vamos ouvir o Professor Luciano Queiroz. Enquanto Luciano chega, eu passo para a companheira Jô.

A SRA SECRETÁRIA JÔ OLIVEIRA: Enquanto Luciano Queiroz se dirige ao Plenário, eu queria também fazer a justificativa de ausência de Socorro Ramalho, representante da CUT. Ela disse que estava vindo para cá, mas a cidade tá basicamente bloqueada né, para os acessos aqui? Então, ela disse que não teve condições de chegar, tá acompanhando pela internet. E queria, inclusive, pedir licença, Luciano. Eu ouvi sua fala agora pela manhã, à tarde, no ato, né? Mas, eu vou precisar ir embora, porque eu tenho algumas questões domésticas, exatamente em decorrência da chuva. Tem alguns cachorrinhos que foram colocados lá em casa, os cachorros da rua estão tudo na minha garagem. Se a gente não chegar logo, eles começam a confusão. Mas eu queria dizer, Anita, primeiro, da minha solidariedade, não é? Não é uma solidariedade pessoal, mas, acima de tudo, histórica. Pra quem tem circulado as escolas, para quem tem feito esse debate sobre, inclusive, as pessoas negras desse país, a gente tem uma dívida histórica com aqueles e com aquelas que lutaram, inclusive, contra todo um sistema que já foi exposto aqui, mas que a gente hoje não consegue alcançar as nossas juventudes. Às vezes, a sensação que eu tenho é a... a ditadura, o processo de escravização, essas coisas todas ficaram lá atrás, não dialogam hoje com a nossa realidade. A gente vai acompanhar as postagens, estava discutindo agora há pouco aqui com o Vereador Napoleão, a gente acompanha as postagens que falam sobre a ditadura, inclusive, nas nossas redes sociais, e as pessoas vem questionar o que a gente tá colocando ali, como se fosse uma coisa da nossa cabeça, como se fosse uma criação. Então, a gente, inclusive, precisa contar essa história a todo tempo. A gente não pode perder essa narrativa, porque a gente não tá falando de meros fatos, a gente tá falando de lutadores e lutadoras do povo que foram silenciados, que as famílias hoje ainda não têm notícia disso. A gente precisa mostrar a essas pessoas onde é a granja do terror, ali nos Cuités, que muitas vezes a gente passa na porta e nem sabe que era lá, não é? Então, a gente tem essa dívida histórica. Contem conosco nesse sentido, a gente tem essa responsabilidade política e



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

histórica com a cidade de Campina Grande. Então, em meu nome, né? Deixar essa... esse abraço a você e a sua família, mas com todas as pessoas que foram afetadas, não é? Com esse processo que faz parte de uma história muito macabra da nossa história. E a gente não pode deixar que isso se repita, tá bom? Muito obrigada e realmente perdão pela minha ausência.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Jô, pela ajuda aí, pela presença. E agora vamos ouvir o professor Luciano Queiroz. Obrigado, Luciano, mais uma vez. Você esteve aqui há alguns anos atrás, no nosso primeiro mandato, nós fizemos uma... fizemos uma sessão bem mais participativa, a gente houve tempo para organizar, não teve o feriadão que teve agora, não teve a chuva, mas você, mais uma vez, marcando presença. E muito obrigado pela sua luta, pela sua contribuição por um Brasil melhor, por uma sociedade melhor.

O SR CONVIDADO LUCIANO QUEIROZ (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA UFCG): Beleza. Boa noite a todos, a todas e a todes. Eu gostaria de também começar cumprimentando a Mesa, a pessoa do Vereador Napoleão Maracajá, da Vereadora Jô. Em nome dos dois eu saúdo todas as pessoas aqui presentes e, lembrando um pouco, que o Napoleão chamou a atenção. Há 10 anos eu subi aqui, quando completava 50 anos do golpe de 64. Em 2014, quando teve uma sessão aqui na Câmara, e eu era Presidente da ANPUH, que é a Associação de Professores de História, da sessão da Paraíba. Naquela ocasião eu estava aqui representando a ANPUH, e agora estamos aqui, novamente, numa conjuntura extremamente mais complicada do que aquela de 2014. Mas eu gostaria de começar dizendo uma coisa que, geralmente, quando se fala de ditadura, pouco se... se coloca esse detalhe, não desmerecendo os demais, as demais facetas da ditadura. Eu sou professor de História também da UFCG. Não vou falar tanto quanto o meu colega aqui, que é imbatível. Mas é o modelo econômico que, geralmente, a gente não fala tanto do modelo econômico que está aqui. Para o ano nós vamos completar, acho que 30 ou 40, da redemocratização de 1985. Mas o capitalismo periférico e dependente é o modelo da ditadura. Ele não só não foi extinto, como ele foi potencializado com o neoliberalismo dos anos 90 e com a crise de 2008 pra cá. Isso é uma coisa que a gente pouco fala, mas, quando Figueiredo entregou o governo para Sarney, depois da morte de Tancredo, o Brasil tinha uma dívida externa altíssima. Tinha uma inflação galopante. Eu era menino naquela época, eu nasci em 1974. Mas eu lembro que o Cruzeiro é desvalorizadíssimo ali nos anos 1984, 1985. O Brasil foi ao FMI não sei quantas vezes pedir dinheiro pra pagar os banqueiros essa mesma dívida. Dívida essa que hoje, metade do orçamento da União, ela continua para pagar juros aos banqueiros. Isso é uma coisa que eu acho que precisava ser mais aprofundada nos debates, porque, geralmente, a gente não traz muito essa pauta econômica. Mas, em homenagem ao meu amigo Gilmar, que estava aqui, e ao MST, o agronegócio que a gente tanto fala hoje é filho da ditadura. Esse modelo de agricultura que tem o veneno na mesa para matar todos nós, que pouco emprega, que produz para exportação e que é extremamente mecanizado, ele é a cria da Revolução Verde dos anos 60. Que hoje tem uma bancada do Boi, que faz um *lobby* enorme,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

não só no Congresso, mas em Casas como essas. Esse é o primeiro ponto que eu queria trazer pra essa... pra essa audiência hoje. O segundo é que, hoje, a historiografia brasileira tem trazido muitas novidades no sentido de outras pesquisas que, até então, não eram tão trabalhadas pra esse tema da ditadura. Por exemplo, as mulheres. E eu queria aproveitar pra fazer uma homenagem a essa mulher linda, maravilhosa, guerreira, Elizabeth Teixeira, cujo marido foi assassinado, dia 2 de abril de 1962, pelo grupo da Várzea, cujos políticos ainda hoje estão aqui, Aguinaldo Veloso Borges, por exemplo. João Pedro foi assassinado em 1962, Elizabeth foi presa em 1964, quando estava fazendo o filme Cabra Marcado para Morrer. Em nome dela, eu queria não só homenagear, mas dizer que hoje tem estudos sobre gênero, ditadura e gênero. A tortura sobre as mulheres, sobre os corpos das mulheres, era diferente sobre os corpos dos homens. Não é pra dizer que tem tortura melhor nem maior. Tortura é como escravidão, não tem nenhuma comparação. Mas o caso do corpo da mulher, com va**** sendo colocada, rato, barata, né? Estuprando as mulheres, tem hoje trabalho sobre isso. Mulheres e crianças. E nesse sentido eu queria me solidarizar a Anita. Não só Anita, você tinha 6 anos, mas muitos... muitas crianças foram presas ou tiveram que ter esse trauma psicológico de ver o seu pai e a sua mãe sendo presas e torturadas durante a ditadura. Que é outro tema que está sendo bem estudado hoje. Mulheres e crianças. O outro é sobre os povos indígenas. Eu queria fazer referência a um livro do jornalista Rubens Valente, Os Fuzis e as Flechas. Reportagens corajosas que mostram que teve tortura nos povos indígenas naquele projeto de expansão para a Amazônia e o Pantanal. Um outro, a Jô falou dos povos negros, os povos negros junto com os povos indígenas, porque a questão étnico-racial precisa ser mencionada. O outro são os estudantes. Inclusive, em homenagem aos que estão aqui presentes hoje no ato, que eu acho que foi acertado, em que, pese a decisão equivocada do Presidente Lula, foi acertado ter feito o ato no Brasil, foi acertado ter feito o ato em Campina Grande. Foi muito acertado. Foi uma decisão política acertada. A polícia veio? Veio. Mas não, não conseguiu acabar com o nosso ato aqui em Campina Grande, tá? E eu queria mencionar os estudantes. A grandeza, a beleza do movimento estudantil. A UNE foi incendiada já no primeiro dia de abril de 64. O Edson Luiz é um grande símbolo dos secundaristas, que foi violentamente assassinado pela bala da PM no Restaurante do Calabouço, que convergiu com a passeata dos cem mil e depois deu no AI-5 do Costa e Silva. Os estudantes são partes fundamental da resistência à ditadura. E os homossexuais? Homossexuais não é um termo que a gente usa mais hoje, claro, sabemos disso, hoje é LGBTQIAPM+, mas, nos anos 60, homossexuais era um termo que a ditadura usava pra pegar todo mundo que eles colocavam sob essa mesma... esse mesmo rótulo identitário, mas hoje, uma das companheiras falava lá no calçadão e eu queria recuperar essa fala, lésbicas e gays foram violentamente reprimidos durante a ditadura. Mas a questão das travestis e das transexuais, não só foram como continua sendo. O Brasil é um dos países que mais mata trans nesse Brasil, e hoje tem a... a Comissão da Verdade estudou isso e tem livros, o Renan Chinaglia, o James Grimm têm estudado ditaduras e homossexuais. Então, acho que a gente precisa justamente trazer esses grupos subalternos, como dizia o Gramsci, que também foram



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

vítimas da repressão, mas também da resistência. Por fim, o terceiro elemento que eu queria trazer é a forma como foi feita a transição no Brasil, eu acho que ela diz muito por que nós ainda tivemos um oito de janeiro, ela diz muito por que a gente ainda tem pessoas que defendem esse regime ditatorial, porque o Brasil fez uma transição extremamente conciliatória. Nós perdemos em 84, quando as Diretas Já não passaram. Nós perdemos em 85, quando a candidatura Tancredo-Sarney foi costurada lá na Escola Superior de Guerra, junto com os militares e com a burguesia brasileira, pra fazer uma transição lenta, gradual, segura e controlada. Por isso, não só os militares e os torturadores nunca responderam, mas os empresários também nunca responderam, porque o... eu recomendo um livro, que é muito caro a nossa tradição, Rene Dreifuss, "1964. A conquista do Estado". Pega lá. Todas essas empresas famosas que nós temos no Brasil hoje, todas elas estavam na documentação do IPES e do IBADE. São cúmplices do... não só cúmplice, eles... eles se beneficiaram de política fiscal, tributária e econômica de Delfim Netto, Roberto Campo e companhia limitada. Essa é outra coisa que a gente precisa dar nome aos bois. Os grupos empresariais que apoiaram e se locupletaram da ditadura, inclusive os da construção civil, Odebrecht, Camargo Corrêa, OAS Mendes Júnior, não era nada, era empresa de fundo de quintal. Hoje, elas são multinacionais que têm as... que têm atividade em vários países do mundo. É muito fácil falar do Globo, da Record, mas não foi só isso, tem um monte de empresas que estão aí, nunca responderam absolutamente nada. O... o... a Ultragaz, o Boilesen, do filme Cidadão Boilesen, ele não só financiava ao banco, como ele assistia à tortura. Então, gente, enquanto outros países da América do Sul fizeram memória, verdade e justiça, nós nem fizemos memória, nem verdade e nem justiça, porque quem começou esse negócio de: "vamos rememorar, lembrar", não foi o Estado brasileiro. Alguém esperar isso do governo Sarney, que é o primeiro presidente da tal da democracia? O cara vem da UDN, da velha Arena, da ditadura. Depois, Collor de Melo, e se esperar no governo Collor de Melo isso? Filhote da ditadura. E muito menos de Fernando Henrique, apesar de ter se exilado e tudo mais, mas fez muito pouco do ponto de vista disso. E mesmo os governos Lula 1, 2. A Comissão da Verdade saiu em 2012, no governo Dilma, 12. Com sérios limites, teve gente que pediu demissão porque é coisa da conciliação, as pessoas que trabalhavam na Comissão da Verdade não tinha, digamos, que uma liberdade absoluta pra trabalhar, porque a questão... a Comissão da Verdade era uma questão de... do... do Palácio, era tratado diretamente com ela. Foi importantíssimo, tanto a Comissão da Verdade Nacional, como a Comissão da Verdade Paraibana, que eu... que, eu digo... eu sugiro, olhe o relatório da Paraíba, tem 700 páginas, pra quem acha que não teve ditadura na Paraíba. Mas o Estado brasileiro não fez, foi as mães, a Comissão da Anistia, foi... digamos que na órbita da sociedade civil que se começou a fazer memória e verdade, de dizer que, por exemplo, Vladimir Herzog não se suicidou e por aí vai. Não foi o Estado brasileiro, nós não fizemos memória, nós não fizemos verdade e nós não fizemos justiça, por isso que Ustra morreu e morreu com pensão, por isso que tanta gente aí, desses militares, que morre e a pensão fica pra seus filhos e suas netas. Isso é uma aberração. Por não ter feito memória, verdade e justiça, na minha análise,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

essa transição pelo alto, pela conciliação, como dizia o grande Florestan Fernandes, sair de uma ditadura autocrática pra uma democracia burguesa, com muito quê de autocracia, eu acho que isso explica porque nós tivemos 8 de Janeiro e explica porque nós temos Bolsonaro, explica porque nós temos o Neofascismo. Pelo menos, nessa conjuntura, eu acho que há uma explicação. A transição da ditadura pra democracia, pra mim, ela explica muito o presente, por isso que o presidente Lula está completamente equivocado em achar que não quer remoer 64 pra ficar remoendo 8 de Janeiro. Não tem sentido, não tem sentido. Remoer o 64 é pra entender o 8 de Janeiro. É um erro. O Lula, que deu duas declarações... são duas declarações de um presidente, uma extremamente interessante e favorável ao povo palestino, a outra, pra mim, ela, por mais que tenha como objetivo fazer conciliação com os militares golpistas, o tiro sai pela culatra, do meu ponto de vista, é esse tipo de política, por exemplo, proibir... gente, o Bolsonaro fechou a Comissão de Mortos e Desaparecido, mas o Lula também não abriu. Está um embargo, o Silvio Almeida está embargado nesse aspecto, o museu que ia ser feito foi... provisoriamente... parou, o museu. Os atos foram sugeridos para o governo de não ter nenhum tipo de rememoração e a Comissão de Mortes e Desaparecido está obstacularizada, e isso a gente tem que dizer. E nós temos... nós que votamos em Lula, temos que dizer isso com muita propriedade, nós que fomos pra porta da fábrica pedir voto pra Lula aqui, na Alpargatas, no *Call Center*, nós fomos pedir voto pra Lula, nós elegemos Lula, mas nós não podemos de modo algum aceitar esse tipo de conciliação piorada, porque, isso sim, eu acho... isso sim joga água para o moinho da extrema direita. 2026 é logo ali e se nós não estivermos atento aí, se fazer conciliação com o inconciliável, eu acho que a gente só faz dar um tiro no pé. Nesse sentido, eu quero encerrar as minhas palavras e dizer dessa feliz noite de hoje, eu fico muito feliz em ver essa Casa assim. Eu venho pouco aqui, mas, sempre que eu venho, ela tá assim. Eu acho que ela fica bem mais popular do que aqueles que não vieram aqui porque nós sabemos de que lado ele está. Nós estamos do lado certo da história, ditadura nunca mais. Viva a democracia.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Professor Luciano. Como sempre, muito lúcido. É... Pastor Lenon, por favor. Parabéns aí pela trilha, viu? Parabéns. Pessoal, é... quem quiser falar, a Anita tá escrevendo aqui, tem dois inscritos já, tá bom?

O SR CONVIDADO LENON ANDRADE (PASTOR DA COMUNIDADE BATISTA DO CAMINHO): Boa noite a todas e a todos. É... muito obrigado, Vereador Napoleão Maracajá, pela oportunidade e, em seu nome Vereador, eu saúdo todos da Mesa, enfatizando aqui a nossa querida Professora Anita, que nos traz um depoimento histórico comovente que eu quero internalizar, eu quero guardar pra que, quando eu pensar na ditadura, na história da ditadura militar, eu tenha uma lente pra olhar pra ela. Obrigado, Professor Luciano, pelas suas palavras, porque você termina com um tripé muito importante que deve ser um filtro pra gente, todos merecem memória, justiça e reparação. Se não foi exatamente essas palavras, mas é por aí que você termina a sua fala. E eu gostaria, então, de falar hoje como pastor da Comunidade Batista do Caminho, uma



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

pequena comunidade, uma semente de resistência dentro do cristianismo, um cristianismo que, em sua grande maioria, é fundamentalista, é amigo de ditaduras e amigo dos fascismos e dos neonazismos da vida. Eu quero começar com uma retrospectiva que começa em 1963, 4 meses antes do golpe militar, o Pastor Enéas Tognini, da Igreja Batista, um dos líderes da Igreja Batista no Brasil, de Perdizes, São Paulo, convoca os evangélicos para um dia nacional de oração em jejum para que Deus evite que o Brasil se torne comunista. Em 1964, com um golpe militar, assume a presidência o Marechal Humberto Alencar de Castelo Branco. Em 64, ainda em abril, logo após o golpe, o Pastor Tognini convoca novamente os evangélicos para um dia nacional de oração e jejum em agradecimento ao golpe. Parece que a gente vê a história se repetindo como tragédia, os Malafaias da vida convocando a nação pra livrar o Brasil do comunismo. Em maio, a SEB demite a liderança jovem da entidade que fazia aproximação entre protestantes, sociedade, cultura e política no Brasil. Em 1965, eleito presidente da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Reverendo Boanerges Ribeiro promove uma depuração interna na denominação e exclui irmãos com tendências ecumênicas e considerados comunistas, muitos seminários sofrem intervenções. Boanerges foi Grão-Chanceler da Universidade de Mackenzie, em São Paulo, onde um grupo de direita teve ligações estreitas com o Comando de Caça aos Comunistas, o famigerado CCC. Em 1967, a Igreja Metodista fecha a sua Faculdade de Teologia em São Paulo, expulsa professores e seminaristas, o pivô da crise foi uma formatura para a qual os formandos convidaram para paraninfo o católico Dom Helder Câmara. E em 1967, dos 54 alunos do Seminário Presbiteriano de Campinas, 39 são expulsos, ao serem denunciados por 15 colegas de turma. Vários professores também são demitidos, o Seminário Teológico Centenário em Vitória é fechado. A Igreja Presbiteriana do Brasil expulsa 9 alunos do seminário em Campinas. Mas eu quero colocar o ponto fora da curva, eu quero colocar a semente da revolução que nasce numa fé engajada e na leitura da Bíblia a serviço da vida. Quero voltar um pouquinho em 62, a Conferência do Nordeste, promovido pelo SEB, no Recife, teve como lema “Cristo e o processo revolucionário brasileiro”, um marco na tentativa de despertar os cristãos para uma cidadania responsável. Foi a primeira vez na história do Brasil que protestantes e católicos se sentaram em torno de uma mesa para um diálogo com marxistas. Discursaram ali, entre outros, Celso Furtado. E aqui eu quero fazer a memória. Então, aos evangélicos da resistência democrática dos anos 50 e 60 que também foram perseguidos, presos, torturados e mortos pela ditadura. Eu... eu... esse relato não é meu, é de uma reportagem da... da repórter Juliana Abraão, da BBC de Londres, traduzido para o português, que diz assim, abre aspas: “Os choques me provocaram... provocaram confusões... convulsões e gritos. A sensação era de perda total de controle sobre minha capacidade mental, racional e sobre os meus movimentos. Era insuportável”. Fecha aspas. Foi assim que Anivaldo Padilha, pai do atual o Ministro de Relações Institucionais da Presidência da República, o nosso Padilha, dá o seu testemunho do sofrimento nos porões da tortura da ditadura militar. Líder ecumênico, metodista, Anivaldo Padilha descreveu as torturas que sofreu durante os 21 dias em que ficou preso em São Paulo no Destacamento de Operações de Informações, Centros de Operações de Defesa Interna, DOI-



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

CODI, uma agência de repressão política subordinada ao Exército durante a ditadura militar em 64. Fez parte, desde a sua juventude, da ação popular, uma organização criada por militantes da juventude católica que se expandiu para um caráter não convencional e defendia o conceito-chave de socialismo como humanismo. Portanto, muitos outros evangélicos foram perseguidos, presos e torturados e exilados. Além das suspeitas de infiltração comunista, ele entrou na mira do regime por auxiliar na proteção a Anivaldo, de perseguidos políticos que buscavam o exílio e informar ele, Anivaldo, as redes ecumênicas internacionais, denunciando a ditadura sobre o que acontecia nas prisões da ditadura brasileira. Abre aspas de novo: “Forçaram-me a tirar minha roupa, me colocaram na cadeira de dragão, uma cadeira revestida com folhas de metal conectadas por um fio a um rádio militar de campanha”, contou Padilha sobre as torturas que sofreu na prisão em depoimento realizado na Procuradoria da República e Conselho Mundial de Igreja em 2011. “Fui colocado nu no assento com minhas mãos e pés amarradas, exigiram que eu desse todas as informações que eu possuía, a cada negativa o torturador girava a manivela do telefone para aumentar a intensidade dos choques”. Padilha foi solto e se exilou no Paraguai, Suíça e depois Estados Unidos, tendo retornado ao Brasil somente após a Lei de Anistia, em 1979. Por seu tempo fora... por... por seu tempo só conheceu o filho Alexandre aos 8 anos, quando Alexandre Padilha tinha 8 anos. Boa parte das lideranças evangélicas se alinharam ao governo de exceção depois da tomada do poder de 60... dos anos 60. Muitos denunciados foram ao regime... foram denunciados ao regime pelos próprios líderes das igrejas e denominações a que pertenciam e foram acusados de subversão, forçados ao exílio, torturado e, em alguns casos, ficaram desaparecidos. Além de perseguidos pelo regime, sofreram processos eclesiásticos e foram excluídos das suas igrejas, concílios inteiros e unidades administrativas locais também foram dissolvidas. Me... me permita, Vereador Napoleão Maracajá, recentemente, a Igreja Batista do Pinheiro, em Alagoas, que é uma igreja da resistência democrática, é uma igreja que luta pela população em seu entorno, é uma igreja que luta contra os crimes ambientais da Braskem, foi expulsa da Convenção Batista Brasileira porque acolheu, entre seus membros e suas lideranças, irmãos e irmãs homoafetivos. Louvado seja o nome do Senhor por isso. O meu testemunho é pra dizer a vocês que em todos os lugares, em todos os movimentos, em todas as fileiras, Professor Luciano, existe a resistência e a fé engajada. Entre as vítimas evangélicas estavam, principalmente, aqueles que pregavam uma renovação nas ideias tradicionais defendidas por esse segmento cristão desde o século 19, em especial, o fundamentalismo bíblico, o oportunismo e um isolamento das coisas considerados mais mundanas, como a política. Eles também negavam a política, a ciência e a convivência solidária na sociedade. Em vez disso, essas lideranças pregavam a responsabilidade das igrejas diante das mudanças políticas e luta por justiça social, o núcleo da resistência cristã, Professor Luciano, estava junto com aqueles e aquelas que estavam ali, lutando contra a ditadura. Dois anos após a tomada do poder pelos militares, a Igreja Presbiteriana do Brasil, elas... elas... vou terminar... não demorou muito pra que essas lideranças entrassem em conflito direto com os pastores e membros da comunidade que defendiam ideias opostas àquelas



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

pregadas pelo regime militar. Deixa eu ir direto pra cá pra citar alguns nomes. O sangue de irmãos companheiros evangélicos, companheiras evangélicas também foi derramado pelo regime autoritário da ditadura civil-militar de 64. E, nesta Sessão Solene, faço memória desses filhos e filhas do Brasil que não podem ser esquecidos. Além de Anivaldo Padilha, eu cito aqui Zwinglio Dias, pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, também foi preso em um DOI-CODI do Rio de Janeiro, onde sofreu tortura psicológica. Há relatos de registros de muitos outros religiosos evangélicos vítimas do regime, inclusive de mulheres que tinham relação próxima com a igreja. Zenaide Machado de Oliveira, jovem da Igreja Presbiteriana, foi presa por 3 anos e torturada, ininterruptamente, por 60 dias. Ana Maria Ramos Estevão, líder de Jovens da Igreja Metodista, chegou a ser integrante da Aliança de Libertação Nacional, foi presa três vezes e torturada durante de 15 dias. E aqui, eu quero ressaltar, e peço que coloquem a foto dela pra gente ver essa guerreira do povo brasileiro, Heleny Guarabira, também da Igreja Metodista, foi presa, torturada e seu corpo nunca mais foi encontrado, está entre nossos irmãos e irmãs desaparecidos da resistência. Eu termino dizendo o seguinte, o escritor Rubem Alves, que era Pastor. Rubem Alves foi pastor da Igreja Presbiteriana, Pastor da Igreja Presbiteriana no Brasil, também foi acusado, junto com outros membros, de pecados como o comunismo e desprezo pela doutrina protestante nos tribunais da igreja. E o pastor presbiteriano Leonildo Silveira Campos foi preso em 1969, aos 21 anos, quando era seminarista da igreja. Meus queridos, eu termino dizendo o seguinte, que fica pra nós a memória, o resgate, a luta, a referência viva de quem deve ser seguido e que quem deve pautar a nossa consciência, a nossa luta. Cito o último nome, o nome de João Pedro Teixeira, marido de Elizabeth Teixeira, presbiteriano evangélico no Recife, durante aqueles anos em que ele era líder camponês e que foi assassinado por forças ligadas à ditadura. Então, como pastor evangélico, como seguidor de um homem que, pra mim, é a encarnação de Deus no mundo, que foi torturado, crucificado, condenado pelos religiosos do templo e pelo Império, eu digo viva a democracia, viva a luta por dias melhores, viva a humanidade regenerada em Cristo, que prima por um lugar na Terra pra todo mundo, um novo céu e nova Terra se constrói aqui. Viva o povo brasileiro. Viva a democracia!

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Pastor Lenon. Por mais pastores como você e que pena que uma parcela da igreja não conta essa história para os seus fiéis. Talvez, se contasse, os torturadores não teriam apoio do povo evangélico ou de parte do povo evangélico. Parabéns, Pastor. É... tem dois inscritos aqui, né? Josenildo e Iran. As inscrições tão abertas, né? A Anita tá escrevendo aqui e a gente só pede que as pessoas sejam sucintas, né? O tempo maior era dos palestrantes, né? Mas todo mundo que quiser falar terá direito à voz e vez. Quem quiser usar a Tribuna, porque fica melhor pra... pra o registro, inclusive pra filmagem que tá sendo transmitida pela rede mundial de computadores, através do *site* da Câmara. Dois minutos, vá lá.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

O SR CONVIDADO JOSENILDO SOUSA SILVA FILHO (POETA): Primeiramente, boa noite a todos. Cumprimentar a Mesa, na pessoa de Napoleão Maracajá. Cumprimentar os componentes, Professora Anita, Professor Luciano e o Professor... o outro chará dele, Luciano também... Luciano Mendonça e Luciano Queiroz, o Pastor Lenon e o Presidente do PT Paraibano, Hermano Nepomuceno e as pessoas que ocupam a Plenária. Napoleão, vou lhe pedir mais três minutinhos, se assim for me concedido. É porque hoje é um dia muito importante e eu quero registrar uma coisa aqui, o ato da... da Vereadora Jô Oliveira e do Vereador Napoleão Maracajá, o nome disso é compromisso. Essa Casa tem 23 vereadores e só dois compareceram a uma Sessão tão importante, que é uma Sessão que fala sobre o fim de um golpe militar, sobre o fim de uma ditadura. Há 60 anos atrás, no ano de 1964, quantos pais, quantas mães, quantos filhos não sofreram pela opressão militar, pela opressão de um regime que causou dor, que causou sofrimento? A exemplo, da fala da Professora Anita, que foi uma filha torturada psicologicamente e também fisicamente ao ver seu pai sendo marginalizado como um bandido pela sociedade, ele sendo um homem de bem e um pai de família. Faço o registro da memória do Vereador José Peba e também eu faço um... uma menção aqui, porque isso é muito importante, é... como foi falado pelo Professor Luciano Queiroz, é... a agricultura, o agronegócio é filho de uma ditadura e hoje está aqui o representante de uma agricultura familiar do (inaudível)... Oswaldo Bernardo Silva. Inclusive, eu gostaria de fazer menção à valorização da agricultura familiar, do trabalho de agricultores familiares e camponeses que dão a sua vida no campo, porque o alimento produzido em nossas mesas é um alimento do fruto da agricultura familiar no nosso país. E eu quero dizer a vocês que em meus poucos simples estudos... é... sobre a ditadura, eu, como poeta, gostaria de fazer um esclarecimento. Os professores que aqui estão, historiadores inclusive, sabem que os professores, os escritores, os poetas e os autores de livros usavam pseudônimos para contar as suas críticas, para usar da literatura para fazer as suas críticas contra aquele regime opressor. Ou seja, principalmente mulheres eram marginalizadas, não podiam ter o seu direito à sua voz pra criticar aquele regime horrendo e aquele regime que tanto atacava as pessoas. Então, pra encerrar a fala, obrigado Napoleão por os três minutos concedidos, eu gostava de terminar com um sonete. "Há 60 anos atrás agradeço nessa luta, porque hoje estamos livres para celebrar o fim de uma ditadura. Eu, como poeta popular, não gostaria de receber a abordagem truculenta do regime militar porque, hoje em dia, se enfatiza na memória, verso, poesia, literatura e história. Não preciso de um pseudônimo pra falar que sou Josenildo Filho, e contra a ditadura estou, como poeta popular. E gostaria de num sonete dizer a você que continue a lutar para esse mal social, que ainda é ter suas entrelinhas e sombras é atual, continue a combater. A todos os professores, use da educação para ensinar sobre o que a ditadura causou e ela jamais voltará a causar porque somos um povo de luta, que usaremos da educação, da arte e da literatura para retratar o fim de uma ditadura que jamais voltará a nos assolar. Entre pesadelos, entre narrativas, histórias, versos e poesias, eu te falo que o fim da ditadura para sempre já foi marcado. E que a nossa luta seja importante e veraz, forte e que finalizará, porque o povo popular resistirá e a ditadura



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

para nosso campo jamais voltará. E que Deus nos abençoe, nos guarde e obrigado por essa luta que jamais cessará, pois ditadura nunca mais, e ao povo veio falar.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Muito obrigado. Parabéns. Show de bola. Iran, Iran o próximo inscrito e Professor Franklin.

O SR CONVIDADO IRAN ADALTO PESSOA DE CARVALHO (DIRETOR DO SINTEP): Boa noite a todos e a todas aí. A pessoa da Mesa, Napoleão, a sua presença é muito importante aqui nessa Plenária porque teve essa iniciativa onde... é... a ditadura é uma... é uma infâmia onde cada cidadão não pode esquecer o que passou. E aqueles que foi atingido pela ditadura, fisicamente e mental, mas existe também as outras pessoas, familiares que também sofreram e até hoje fica marcas. Essas marcas nunca acabam, é como se fosse um filme que fica passando na memória de cada pessoas, onde se... onde viu o seu familiar sofrendo. É... eu lembro, quando era pequeno também, meu pai, que era envolvido com... com movimento estudantil naquela época também, e ele foi pra... é... se envolver com a UNE também e foi muito perseguido também. Lembro, quando foi um dia... é... na minha casa, que o pessoal chegou... ele... é interessante que eles abrem... abriam as portas sem fazer barulho, é como se tivesse uma chave-mestre. Abria a porta e, por sorte, que uma pessoa avisou a... lá em casa que eles iam chegar lá e meu pai pulou o muro com uma... com uma colega que tava lá em casa também. Eu era pequeno, eu lembro. E atrás do muro existia um sítio de coqueiro, onde... subiram no pé de coqueiro e ficaram escondido lá no pé de coqueiro. Isso eu...fica na minha memória até hoje. E, pronto, eu estou aqui representando SINTEP, o Sindicato dos Professores, onde completamos 50 anos de existência. Onde o professor, ele, todos se envolveram muito na luta contra a ditadura militar. O Sintep foi um dos sindicatos que mais sofreu em relação à questão da ditadura, desde o tempo da Ampep. A Ampep distinta e surgiu o Sintep, Sindicato dos Trabalhadores da Educação da Paraíba. Obrigado. Para encerrar, Socorro Ramalho não pode vir, como a nossa Vereadora falou aqui, a Jô. E Socorro Ramalho mandou parabenizar ao Vereador Napoleão pela sua iniciativa e que essa não seja a única, que tenha outras e outras. Parabéns para você, Anita, também, você é uma guerreira, viu, neguinha? Obrigado a todos.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Irã. Show de bola. Professor Franklin, se alguém mais quiser falar, por favor, dê o nome aqui para a Anita, tá?

O SR CONVIDADO PROFESSOR FRANKLIN IKAZ (PRESIDENTE DO SINTAB): Obrigado. Boa noite a todos e a todas que ainda resistem, apesar da hora. Eu quero parabenizar o companheiro Napoleão pela propositura de fazer essa sessão, ao tempo também que parabenizo o companheiro Luciano Mendonça, a professora Anita, o professor Luciano Queiroz, Lennon, Hermano. Mas eu queria, na minha fala, agradecer, companheiros, a todos aqueles que lutaram contra a ditadura, que viveram aquele tempo. Eu quero agradecer a cada um deles, porque se



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

não fossem eles, nós não estaríamos nessa sessão e em que pese vivermos numa democracia burguesa. Quando eu estava vindo para essa tribuna, companheiro Luciano, professora Anita, eu me lembrava que em plena democracia, eu já fui expulso dessa tribuna. Significa dizer que naquela época, jamais poderíamos fazer o que fizemos hoje à tarde no Calçadão. Porque vivendo numa democracia, a polícia estava lá. Imagina numa ditadura. Então, obrigado a todos aqueles que lutaram para a gente poder viver isso aqui. E cabe a nós, cabe a cada um de nós, continuarmos lutando para não permitirmos que o ovo da serpente nasça, para que a ditadura volte. E nós não podemos subestimar a ditadura. Até porque, bem recente, se planejou um golpe no país e quase conseguiram. Por pouco não conseguiram e é por isso que a gente deve continuar atentos. Como professores, nós temos a responsabilidade, como já foi dito nessa Tribuna hoje, de ensinarmos aos nossos alunos o que é de fato uma ditadura e o que é uma democracia. É disputar a consciência. O que fizemos hoje, lá na praça pública, no Calçadão, foi disputar a consciência, companheiro Luciano. E nós temos que disputar consciência todo dia e em todos os espaços. Bem disse o companheiro Luciano Queiroz. Que essa Casa aqui, a gente dá para perceber o lado em que cada um está. Quem não está aqui com uma sessão para tratar sobre os 60 anos do golpe militar, você não ter essa Casa com os 23 vereadores. Isso é um reflexo. Isso é uma prova, eles estão dizendo de que lado estão, que não estão preocupados com a democracia. E falam todo dia aqui, Luciano, todo dia aqui se fala em democracia, nessa Casa. Aí quando a gente está aqui, para defender a democracia e combater uma história que a gente não quer esquecer, para que ela não volte. Eles não aparecem. Eles não vêm para cá. Muitos talvez até defendam o golpe e a ditadura. Não tem coragem de falar, mas eu gostaria de dizer que aqueles que decidiram continuar enfrentando, todos aqueles que são contra a democracia, nós vamos continuar enfrentando cada um deles aqui nessa tribuna, na rua, em todos os espaços. Viva a democracia! Ditadura nunca mais!

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, professor Franklin. Mais alguém gostaria de falar? Se não, eu vou fazer uma pergunta aqui para os três. A ditadura é tudo isso que foi dito aqui e faltou dizer muito mais sobre ela. Todos os malefícios causados ao povo brasileiro. Todos os estragos. Todas as formas de violência. A mais violenta ação do Estado brasileiro contra os seus cidadãos. E a pergunta é para os três expositores aqui. Hermano, você gostaria de falar? Não? Você não se inscreveu? É a pergunta para os três expositores, aqui para o professor Luciano Mendonça, Luciano Queiroz e Anita. Por que tanta gente defende isso? Respalda isso? Ou relativiza isso? Luciano, primeiro. Não, vamos inverter a ordem aqui. Luciano falou por último, agora fala primeiro.

O SR CONVIDADO LUCIANO QUEIROZ (PROFESSOR DE HISTÓRIA DA UFCG): Está dando para ouvir? Eu vou tentar ser objetivo, não sei se eu consigo, por conta da hora, também. Historiador sempre tem uma mania de achar que o tempo longo é um tempo que se explica as coisas, também. Eu acho que essa questão, ela tem escalas temporais para explicar. Eu diria de



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

longa duração, de média duração e de curta duração. Eu acho que de longa duração é justamente o modo de produção escravista, colonial. É o nosso colonialismo, o nosso escravismo, é essa mentalidade ainda da casa grande da senzala. Eu acho que na longa duração não rompemos. Está aí, o racismo estrutural, por exemplo, que explica muito disso. Certo? Então, eu acho que não tem como, como entender, porque que a extrema direita, porque que nós temos tantos conservadores, porque que Bolsonaro tem tantos votos, porque tanta gente pensa como ele, se comporta como ele. Eu acho que tem um caldo cultural histórico aí para ser pensado mesmo na longa duração. Nos mais de quase 400 anos de um escravismo colonial. Eu acho que isso tem... sabe não se rompeu de todo com esse passado. O segundo, eu acho que são as formas da nossa história. Nós nunca fizemos nenhuma ruptura no Brasil com lutas. Teve luta, teve, mas sempre as lutas foram derrotadas. A nossa independência de 1822. Ela é a continuidade da casa de Bragança e dos escravocratas no Brasil. A nossa república foi feita com a passeata militar no Rio de Janeiro com o povo indiferente. Tá? 85, eu já falei, quando eu estava ali. Então, eu acho que os grandes momentos da nossa história a nossa burguesia, nossos latifundiários, sempre foram, no sentido de, quando a luta, popular assim surge, eles dão golpe preventivo. Florestan Fernandes fala um pouco disso. Nós não temos essa tradição histórica, mesmo porque as saídas nos grandes momentos da história do Brasil foram essas saídas pelo alto, pela conciliação, pelo acordo. Claro que sempre, é, pelo menos o povo está lá, mas sempre colocando o povo para fora da cena da história. Não é o povo, não é a classe trabalhadora que enfim tem decidido os grandes momentos da história do Brasil. E também, nós tivemos, nós temos uma república que não é, não é tão antiga. Nós tivemos 15 anos de ditadura com Getúlio Vargas. Não vamos nos esquecer, porque nós estamos falando de 21, mas de 30 a 45, principalmente, 37 a 45, tinha tortura, tinha censura, tinha prisão, tinha um congresso fechado e às vezes, tem gente também que idealiza muito o varguismo, o trabalhismo, o getulismo. Nossa república tem duas grandes ditaduras, no meio aí, uma com 15 anos, e outra com 21. A transição foi pelo alto, como eu falei para ali, controlada, tutelada. Isso explica muito. E eu acho que, trazendo mais para cá, mais para o que eu chamo de curta duração. Eu acho que as esquerdas, eu vou falar no plural, não é? Perderam muito uma coisa importante dos anos 80 quando se estava fazendo a transição. Trabalho de base, luta social, as comunidades eclesiais de base, as greves do ABC. Aquela beleza da luta de classe, sim, eu acho que hoje foi o único dia que os comunistas tomaram essa Casa, pelo menos por um dia a gente pode dizer que tem luta de classe, mas, é, é isso, aquilo era luta de classe, infelizmente foi derrotado em 85, pelo projeto Tancredo/Sarney de costura burguesa. E depois, a gente tem, acho que muito, muita aposta na linha institucional da política, e aí vai crescendo o fundamentalismo, vai crescendo as igrejas, não as evangélicas, porque se a gente tivesse pastor desse jeito aqui o Brasil era outro. Mas, vão crescendo a extrema direita, as polícias, vai crescendo a milícia, de modo que, eu acho que tem muita coisa de curta... da conjuntura recente, já do século 20 para o 21 que explica um pouco isso. E do ponto de vista das esquerdas, eu acho que é um pouco essa linha. Eu acho que a gente abandonou o trabalho de



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

base, quem está fazendo hoje é a igreja, lá na praia em João Pessoa, a gente está caminhando ali no calçadão, eles estão fazendo. Hoje, lá no Calçadão da Cardoso Vieira, nós estávamos fazendo o ato, eles estavam fazendo um curso de Bíblia grátis. Então, nós perdemos para isso. Eu acho que isso explica bastante, se não explica, pelo menos deixa algumas interrogações para a gente pensar.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, Luciano. Anita.

A SRA CONVIDADA ANITA LEOCADIA PEREIRA DOS SANTOS (PALESTRANTE): Então, obrigada pela pergunta, né, Napoleão.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Já pode fazer, inclusive, as suas considerações finais dentro dessa questão, tá?

A SRA CONVIDADA ANITA LEOCADIA PEREIRA DOS SANTOS (PALESTRANTE): Certo. Então, obrigada pela pergunta, né? Porque essa pergunta a gente se faz de verdade e poder compartilhar essa pergunta aqui, né? Entre vocês, é muito bom, né? Muito confortante, porque são assuntos que a gente, muitas vezes, a gente fica pensando isso sozinho, né? A gente não consegue ter com quem conversar esse tipo de assunto, na maioria das vezes. Então, porquê que a gente ainda tem tanta gente a defender a ditadura, o autoritarismo num país, né, que já sofreu com tanta ditadura e tanto autoritarismo? Eu acredito que é exatamente por isso, pela nossa história, né? Nossa história de pouca tradição democrática. Nós não tivemos uma consolidação do nosso processo democrático. Porque mesmo antes, como Luciano Queiroz já nos falou, todas as transições foram capitaneadas pela elite brasileira, e nós temos uma elite mesquinha, muito mesquinha. Nós temos uma elite muito atenta aos seus próprios privilégios. Então, sempre que existe uma mínima ameaça de que esses privilégios deixem de ser privilégios e passem a ser direitos. Então essa elite, ela entra em cena, e aí ela vem no sentido de interromper o crescimento da democracia. E a pedagogia do medo tem funcionado. Eu sou pedagoga, e aí eu vejo que a pedagogia do medo ela é bastante eficaz, porque quando se tem o histórico de pessoas que foram presas, torturadas, que foram assassinadas, de famílias que foram marcadas, tudo isso amedronta. Então, muitas pessoas não querem passar por isso e isso é pedagogia do medo, que é uma pedagogia amplamente difundida entre nós e desde a infância. Porque desde a infância a gente tem uma, na nossa escola brasileira, a gente tem uma educação que prima pelo individualismo, pelo egoísmo, pela falta de conhecimento do coletivo. Quando as crianças estão na escola, muitas vezes, eu acredito que na maioria das vezes ainda existe uma ordem das professoras, dos professores de que não podem emprestar material. Isso parece ser algo bobo, mas isso é de um poder enorme, porque vai tornar aquela criança um sujeito individualista. Ele não quer saber o que o outro está passando. Ele é orientado a isso, não precisa saber, não importa se o outro tem material, você não pode emprestar o seu



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

material ao outro. Isso é uma ordem para dizer assim olha aprenda a cuidar de você e deixa os outros morrer a míngua. Além da pedagogia do medo, a gente tem essa pedagogia do individualismo que é terrível. Recentemente eu tive o depoimento de uma estudante minha que é do curso de biologia, da licenciatura, e ela disse assim: Que ela chegava em casa e chorava, porque ela levava muito lanche para escola e quando chegava lá tinha muita criança que não tinha lanche, ela queria compartilhar o lanche e a professora não permitia, mandava ela guardar e levar de volta para casa o lanche, enquanto outras crianças não tinham lanche. Isso é de agora de 10 anos atrás, 15 anos atrás. Então, essa pedagogia do medo associada ao nosso histórico de uma falta de tradição democrática, além de uma elite extremamente infiltrada em todos os postos estratégicos de poder, a gente tem isso no nosso país. É interessante como a gente vê os sobrenomes, como se repetem. Os sobrenomes, eles estão sempre ali orbitando o poder, se não é num lugar é no outro. Mas aí estão sempre no poder e isso também faz com que as pessoas sejam cooptadas para serem admiradoras desses sujeitos que estão ali na posição do poder. Então gostaria de agradecer muito esse espaço, agradecer muito a todas e a todos. Especialmente ao Napoleão, ao Luciano Mendonça, ao Luciano Queiroz que idealizaram esse momento e que mostraram para a gente que essa luta vale a pena e que a gente precisa se manter junto. Porque o grande problema é quando a gente fica só, a gente realmente não encontra... Como a gente diz no popular, a gente não encontra terra nos pés, mas quando a gente se vê junto então a gente sabe que existem possibilidades e que a luta precisa prosseguir. Então essa é a minha palavra final e dizer que a gente precisa cuidar da democracia, porque a democracia ela se constrói e se desconstrói diariamente. Não é uma questão de eleição, é uma questão diária. Então, a democracia precisa ser cuidada e somos nós que queremos que a democracia exista que iremos cuidar dela. Jamais os autoritários irão se ocupar disso, não é? Então, compete a nós essa tarefa. Muito obrigada.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado professora Anita. Antes de passar para Luciano que é o último a falar, eu queria agradecer a todos os servidores dessa Casa, que mesmo sem ser o horário deles a noite. Estão aqui prestando trabalho, né? Desde o pessoal da técnica, o pessoal que serve o cafezinho a todos os funcionários. Eu queria inclusive uma salva de palmas para eles. Luciano, para o encerramento desse momento que eu já considero extremamente rico, oportuno, se para o ano a gente estiver aqui, a gente vai provocar os 61 anos do golpe.

O SR CONVIDADO LUCIANO MENDONÇA (PROFESSOR DA UFCG): É, parece que a profecia vai se auto realizar, né? Porque deixaram para eu falar pela última vez vamos cheguei de madrugada. Viu gente? Porque essa questão é para isso. Mas brincadeira à parte, eu queria dizer duas coisas, aproveitando a deixa de Luciano, os comunistas e os marxistas, como estão tendo 15 minutos de fama, né? Porque amanhã volta tudo ao normal. Então, vou aproveitar aqui né? E citar um dos meus mestres, né? Que é o Karl Marx que dizia o seguinte: "A ideologia



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

dominante é a ideologia da classe dominante”. Obviamente que eu não vou aqui me estender muito sobre isso, mas é muito, muito simples, né? É quem domina a sociedade, os meios de produção, a riqueza, domina os meios de comunicação e todas as demais dimensões que permitem a gente a forma como a gente vê o mundo. Inclusive o sistema educacional, né? Então, hoje a gente vive numa sociedade em que é dito o seguinte: “Você pode ser vencedor, seja um empreendedor, bote um negócio que você vai vencer na vida, você não precisa ser empregado de outrem”, né? “Se esforce que você ganha, se você não ganhar é porque você não se esforçou o suficiente. Então se esforce mais um pouquinho que você ganha, se não é porque aí existe um problema intrínseco por natureza, você é preguiçoso” Aí não dá, né? Então, isso é um exemplo de como o neoliberalismo se transformou em senso comum, porque houve uma época em que você se dizer empresário, inclusive no Brasil, era um pecado. Hoje o dono, a pessoa que faz algumas coxinhas se define inclusive como empresário, empreendedor, né isso? É um sinal dos tempos. Então, eu acho que é isso, né? Essa é uma razão que completa o que vocês colocaram. Segundo, é que tem algo haver com o que eu disse ali no púlpito, é a gente inclusive da esquerda, com razão, a gente precisou enfatizar os nossos mortos e desaparecidos. Especialmente aqueles que tiveram no olho do furacão, né? Na luta contra a ditadura. Então, é importante mostrar que Marighella não foi um terrorista. Terrorista foi a ditadura militar que instituiu essa prática como prática de Estado. Marighella era um herói e eu assino embaixo. Marighella é um herói verdadeiro do povo brasileiro, mas é por mais que seja importante, eu insisto, o horror da ditadura foi muito maior e ele atingiu o cotidiano e o dia a dia de além das organizações desses setores que foram mencionados aqui. O dia a dia da sociedade. Eu falei aqui do rapa, né? Que era uma ação de Estado, era uma ação das nossas classes dominantes. Então a pessoa tinha ali um pouquinho de verdura, de fruta, que ia pra feira, e que eu inclusive estimulei. Eu ia pra feira com minha mãe, talvez seja uma das primeiras imagens que eu tenho do que era ditadura, sem saber, mas a gente via né? As pessoas se organizavam, aí alguém ficava lá de tocaia. “Lá vem o rapa!” Eu nunca esqueci disso! Era um horror isso. Impactou profundamente a minha mente. Eu não lembro muito da morte de Marighella porque eu tinha... eu tinha quatro anos, cinco anos, em 69. Eu só vim conhecer Marighella depois, com os livros de história e com minha própria profissão. Então, isso para mim era um terror, mas a gente não conseguiu mostrar que aquilo era parte da ditadura. Quanta gente não perdeu emprego, né? Então a ditadura ela está disseminada, o medo. Quantas pessoas não apanharam da polícia porque estava com cabelo grande? Quantas pessoas não foram presas porque não tinha um documento no bolso? E tudo isso era parte da ideologia do inimigo, do inimigo interno, né? Só para terminar, eu insisto, eu fiquei muito comovido com... com o depoimento de Maura. Aliás, toda vez eu fico comovido com o depoimento de Anita, que eu já conhecia de livros e de outros momentos e a gente tem que reverenciar tudo isso. Mas eu volto ao depoimento que eu falei dos grupos de esquadrão da morte, Paulo Roberto, em que circunstância ele foi preso no dia 13 de abril de 1980. Ele estava na SAB da Palmeira, ele tinha sido menor interno, que era uma forma também da ditadura, violentar as crianças da época, os



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

menores. Ele era filho de uma doméstica, ele morava no Jeremias, ele era preto, pobre, ele foi trabalhador, só que com os anos 80, o fim da festa, o desemprego se aprofundou ainda mais. Então ele passou a viver de pequenos expedientes e aí foi se envolvendo com o pequeno tráfico que foi surgindo, de droga, e a polícia, com o esquadrão da morte, tendo à frente Zezé Basílio e companhia passou a extorquir essa gente e matar. Não é? Então ele estava lá ia participar de uma festa porque era um dos poucos meios de diversão popular que existia enquanto a classe dominante aqui em Campina Grande ia pro Campestre, ia pro Caçadores e os remediados iam para o antigo Cresp, acho que era Gresp não é? Gresp e a AABB. Aos pobres restava o que? Os assustados das SABs, não é? Então Beto Fuscão estava lá, chegou Zezé Basílio, não é? E os outros bandoleiros do Esquadrão da Morte, os sequestraram em plena luz... em plena noite. Mas outros como Barrão foram sequestrados em plena luz do dia, foram levados por uma grande. Porque lá nos Cuités não tinha só a Granja do Terror do Manuel Ferreira, existia uma granja também nos Cuités que pertencia ao Zezé Basílio para onde ele levava as vítimas dos Esquadrões da Morte que ele sequestrava. Então, Beto Fuscão foi sequestrado, foi levado para essa granja que ficava muito próxima da granja que seu pai foi torturado. Mauro e outros eram torturados, extorquidos e depois fuzilados. A diferença só era essa, porque os militantes da esquerda eram desaparecidos, o Esquadrão da Morte que pegava gente pobre preta, né? Desprotegidas, que não tinha uma rede de apoio e fazia questão de jogar tal qual, né? Um pacote flácido, como dizia Chico Buarque, em locais públicos ou mesmo que ermos, mas públicos. Como foi o caso de Beto Fuscão, jogado nas imediações do Estádio O Amigão. Então a gente foi... a gente é incapaz, inclusive a esquerda, de trazer essa gente para o nosso campo, né? Quase 130 mil pessoas. Então se a gente não for a esse bloqueio trazer todas essas vítimas, foram muito mais amplas para o nosso campo. Ontem, hoje, a gente vai, a gente vai jogar essa gente nas mãos de que bandido bom é bandido morto da direita, etc. Então essa gente pertence ao nosso campo. Então enquanto a gente não criar uma memória popular em torno da ditadura militar, a gente não vai conseguir fugir fora desse bloqueio. E por mais importante que seja lembrar esses mortos e desaparecidos, a gente não vai mostrar o horror que foi a ditadura, que foi muito mais amplo. E trazer essa memória para dialogar com a população que continua sendo a potencial, os potenciais, as potenciais vítimas desse mesmo Estado que continua operando hoje e que matou Marielle, que matou Amarildo, que matou uma mãe de cinco filhos lá em Santos e continua matando. Não é os nossos pobres e desvalidos no Jeremias, nas grandes periferias e etc. Então é preciso uma outra educação para criar uma memória popular sobre a ditadura, para que a gente traga as grandes massas para o nosso lado e assim combater a memória do vencedor.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: Obrigado, pastor. Obrigado Luciano. Trinta segundos para o pastor Lennon e a gente vai convidar todo mundo para vir aqui a frente para fazer uma fotografia histórica a fotografia da resistência por ditadura nunca mais e da democracia toda hora, todo dia.



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
(Casa de Félix Araújo)**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

O SR CONVIDADO LENON ANDRADE (PASTOR DA COMUNIDADE BATISTA DO CAMINHO): É, eu vou usar meus trinta segundos pegando uma carona no professor Luciano que diz que é preciso trazer os 130 mil que estão aí longe de nós para perto de nós. Então, não é apenas a imposição de uma narrativa daqui para lá, mas é a tentativa de conquistar corações e mentes. E aí nós temos que lembrar, professora Anita, que esse individualismo, essa subjetividade capturada por um fundamentalismo tem um viés, tem uma formação religiosa histórica que usa a Bíblia de forma superficial, sem contexto, de forma histórica, sem crítica. Obedecendo a um projeto de poder. Só para terminar não esqueçam que o lema de Hitler, Mussolini e de Bolsonaro era “Deus Pátria e Família”. Então, a esquerda valente, guerreira, é hora de ocupar a Bíblia e é hora de dar voz, me perdoem. Sou eu que estou aqui, então vou dizer, de dar voz a pastores e pastoras como eu, que muitas vezes a igreja também silencia. Então ocupem a Bíblia e façam disso uma cultura e uma estratégia para dialogar com essas pessoas que tem uma subjetividade capturada pelo fundamentalismo religioso que elegeu Bolsonaro.

O SR PRESIDENTE NAPOLEÃO MARACAJÁ: É isso aí. Parabéns, pastor. E não custa, não custa lembrar né que nós tivemos aqui Mandela era pastor, que Martin Luther King era pastor, agora estavam do lado revolucionário da história, né? Esse é o, esse é o desafio. Muito obrigado Luciano Mendonça, Luciano Queiroz professor, Anita e a todos vocês que são os verdadeiros defensores da democracia, porque aqui estão a essa hora. Agora chamo todo mundo para uma foto oficial aqui. Obrigado aos servidores da Casa! Está encerrada essa sessão e até o próximo ano.

JAILMA FERREIRA

Secretária SAP

(ASSINADO O ORIGINAL)